

ARQUEOLOGIA DA MEMÓRIA ESTUDOS E TEORIAS PARA UM NOVO RUMO DA COMPREENSÃO DOS ARTEFATOS

ARCHEOLOGY OF MEMORY STUDIES AND THEORIES TO A NEW WAY OF COMPREHENSION OF THE ARTIFACTS

Munir Lutfe Ayoub *

Correspondência

Rua Guarantã, 223, Pari.
São Paulo – São Paulo – Brasil. CEP: 03035-050.
E-mail: munirlutfe@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo essencial expor as teorias da memória e uma perspectiva historiográfica que auxilie o trabalho da arqueologia e a compreensão dos artefatos, apontando assim os monumentos ou a própria construção da espacialidade como portadora de funções na construção da memória de um dado povo. Memória esta que será por fim apontada como aspecto gerador de identidade de um determinado grupo e de legitimação de esferas sociais dentro do mesmo.

Palavras-chave: artefato; arqueologia; memória.

Abstract

This essay aims to expose the theories of memory and a historiographical perspective to assist the work with archeology and understanding of the artifacts, pointing out the monuments or the construction of spatiality as having main functions in the construction of memory of different people. Memory this will be finally identified as aspect that forges identity of a particular group and legitimating of social spheres.

Keywords: artifact; archeology; memory.

* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Doutorando em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP).

Atualmente, o estudo da memória vem salientando a construção e utilização dos artefatos, monumentos e ruínas como locais biográficos que abrigavam e preservavam as histórias de um determinado povo. A utilização e reutilização de antigos locais para a construção, reconstrução ou orientação geográfica da execução de novos locais passaram a ganhar outros olhares e compreensões. Nosso estudo assim pretende uma observação bibliográfica e uma compreensão das teorias e metodologias que possibilitaram esses apontamentos para os estudos em relação à arqueologia do mundo escandinavo.

Contudo, vale a pena lembrar que essas reconstruções e reutilizações de antigos monumentos já haviam sido apontadas em outros estudos como os do século XIX, quando as primeiras reutilizações destas antigas estruturas por parte dos homens do período Viking foram detectadas, mas nenhuma interpretação foi sugerida e tudo o que se salientava era que parecia ser uma prática corriqueira. O arqueólogo Jens Jacob Asmussen Worsaae,¹ em 1868, ao estudar o depósito funerário do monte de Bjerringhoj, em Jutland, ao em vez de salientar o aspecto da reutilização deste acaba por dar maior visibilidade a aspectos como a riqueza encontrada, riqueza que, segundo o arqueólogo, o diferia dos outros depósitos funerários do mesmo período. Somente a partir dos anos 1980 com estudos como os dos arqueólogos Christopher Chippendale,² Michael Shanks³ e Mats Burström⁴ é que o olhar arqueológico sobre práticas, como as de reutilização, começou a se alterar.

Arqueologia e a teoria da memória

O nosso quadro teórico parte dos estudos da múltipla temporalidade iniciado por arqueólogos já supramencionados como Christopher Chippendale, Michael Shanks e Mats Burström que inauguraram uma nova construção de análise sobre as fontes arqueológicas e históricas. Esses arqueólogos foram responsáveis por revelar um novo foco cronológico da arqueologia que deixaria de buscar separar as coisas e fatos por períodos bem estabelecidos pensando apenas cada período por suas próprias construções e monumentos. Esse novo pensamento arqueológico buscou a compreensão da múltipla temporalidade do passado partindo do princípio de que se os resquícios do passado estão presentes até hoje estavam também no decorrer dessa temporalidade e influenciaram e foram formados, assim, por esses múltiplos tempos históricos.

¹WORSAAE, J. J. A. Om Mammen-Funder fra Hedenskabets Slutningstid foredraget. *Aarbøger for nordisk oldkyndighed og historie*, Copenhagen, p. 203-218, 1869.

²CHIPPENDALE, Christopher. *Stonehenge complete*. Londres: Thames & Hudson, 1983.

³SHANKS, Michael. *Social theory and archaeology*. Cambridge: Polity Press, 1987.

⁴BURSTRÖM, Mats. Kronologi och kontext. Om samtidighetens relevans för den arkeologiska tolkningen. In: HYENSTRAND, A.; BURSTRÖM, Mats. *Mänsklighet genom millennier*. En vänbok till Åke Hyenstrand. Estocolmo: Riksantikvarieämbetet, 1989, p. 37-41.

Os artefatos são assim compreendidos como portadores de uma biografia que, como ressaltado por Hella Eckardt e Howard Williams,⁵ davam a eles significados que evocavam memórias pela associação com as pessoas que os possuíram e com as mãos que eles passaram durante as sucessivas trocas, utilizações, construções e reconstruções a que foram submetidos. Esses objetos são assim compreendidos pelos seus processos de produção, troca e uso gerando histórias que podem se tornar centrais para certos indivíduos e/ou grupos em suas construções de memória.

As teorias da múltipla temporalidade e da biografia dos artefatos nos levam ao estudo da memória pautados em teorias arqueológicas provenientes dos estudos de arqueólogos como Andrew Jones,⁶ Jan Assmann e John Czaplicka.⁷ Andrew Jones inicia seu trabalho salientando o papel dos monumentos como portadores de ideias que se estendem para além de sua construção inicial se tornando locais de um repositório de memória. Os monumentos adquirem assim uma extensiva biografia de usos e reusos de múltiplas gerações que o atribuem significados, interpretações e reinterpretções que tornam os artefatos arqueológicos elementos ativos na geração da memória. Os artefatos arqueológicos se tornam assim auxiliares da materialização da memória, mas não representam uma memória cristalizada, devemos sempre salientar a memória como sendo organizada e estruturada pelo ato de lembrar.

A compreensão de Andrew Jones é congruente a de Jan Assmann e de John Czaplicka que ao analisarem o conceito de memória artificial a qualificam como uma memória partilhada por um coletivo durante inúmeras gerações muito além dos homens que pelo primeiro momento a vivenciaram. A memória coletiva seria assim preservada por mecanismos que a tornavam de possível rememoração, mecanismos esses que se constituíam pela escrita e pela oralidade que poderiam ser recontadas e acessadas por meio de rituais, lugares, objetos e monumentos. Seria assim uma memória preservada não no campo do individual, mas sim pelo campo do social por meio de especialistas que teriam a responsabilidade de cultivar e ensinar esse tipo de memória e de práticas.

Os monumentos e artefatos arqueológicos possuem assim uma dupla existência sendo, no primeiro momento, de memória assegurada devido a suas presenças materiais, mas também frutos de múltiplas interpretações não sendo a memória algo inerente do artefato. Desta forma, a memória se constrói por uma prática de rememoração que através de determinada cadeia de ações relacionadas com a construção de monumentos ou a sequência biográfica de um determinado artefato é preservada e reconstruída por inúmeras vezes.

⁵ECKARDT, Hella; WILLIAMS, Howard. Objects without a past? In: WILLIAMS, Howard (Ed.). *Archaeologies of Remembrance death and memory in past societies*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2003, p. 141-170.

⁶JONES, Andrew. Technologies of Remembrance. In: WILLIAMS, Howard (Ed.). *Archaeologies of Remembrance death and memory in past societies*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2003, p. 65-88.

⁷ASSMANN, Jan; CZAPLICKA, John. Collective memory and cultural identity. *New German Critique*, Durham, n. 65, p. 125-133, 1995.

Devemos, assim, ressaltar as práticas de rememoração desses povos uma vez que são essas as responsáveis pela preservação e construção dessas memórias, rememoração que se encontra condensada nos estudos escandinavos sobretudo em duas expressões culturais: o rito e o mito. Devido ao espaço concedido para o artigo aqui presente, teremos em nosso trabalho uma análise mais aprofundada sobre o primeiro permanecendo o segundo iluminado pela constante relação entre esses elementos culturais, como apontado pelo arqueólogo Neil Price,⁸ que compreende o rito como momento de atos que possibilitavam a vivência do mito, momento no qual as histórias desses povos eram construídas e remodeladas por aqueles que as dramatizavam. Rito e mito constituiriam, assim, o que o historiador Jens Peter Schjødt⁹ chamaria de espaços discursivos pagãos onde ideais políticos, personagens históricos e mitológicos, cosmovisões, compreensões identitárias e muitas outras compreensões sociais e de mundo eram compartilhadas, construídas, remodeladas e vividas.

Os ritos são assim mais do que as tentativas dos homens de se aproximar e se comunicar com as outras esferas do mundo, com as esferas do sagrado. Esses seriam não apenas uma comunicação, mas a dramatização deste contato que geraria a criação da memória. Dramatização garantida pela participação de pessoas, objetos, locais, danças, cantos e tantas outras atitudes que possibilitavam a vivência do mito como elemento gerador de compreensões de mundo e de sociedade. O rito e o mito seriam, assim, a vivência da visão daqueles homens sobre o seu passado gerando a compreensão destes elementos como primordiais e imutáveis, permitindo uma quebra temporal que aproxima os homens da esfera dos ancestrais e, por consequência, do mundo dos deuses fazendo com que a vivência desses mundos se tornasse tangível.

O rito é assim compreendido como sendo uma maneira pela qual uma prática se tornou sintetizada em métodos, tradições e estratégias de um contexto social específico tendo como uma de suas finalidades últimas a rememoração e revivência dos mitos e histórias de um dado povo. Devemos assim enfatizar o ritual como um trabalho que modifica a realidade material e, portanto, permite a vivência das compreensões de uma dada sociedade sendo ao fim uma prática que ao se materializar e se fazer concreta torna-se um fato empírico para a memória daqueles povos e, por consequência, para os estudos arqueológicos.

O rito se torna assim pobre em potencial semântico e em sua característica argumentativa lógica. Como demonstrado por Maurice Bloch¹⁰ em seus estudos o

⁸PRICE, Neil. Mythic Acts: Material Narratives of the Dead in Viking Age Scandinavia. In: RAUDVERE, Catharina; SCHJØDT, Jens Peter (Ed.). *More Than Mythology*. Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions. Lund: Nordic Academic Press, 2012, p. 13-46.

⁹SCHJØDT, Jens Peter. Contemporary Research into Old Norse Mythology. In: HERMANN, Pernille; SCHJØDT, Jens P.; KRISTENSEN, Rasmus T. (Ed.). *Reflections on Old Norse Myths*. Turnhout: Brepols, 2007, p. 1-16.

¹⁰BLOCH, Maurice. The disconnection between power and rank as a process: an outline of the development of kingdoms in Central Madagascar. *Archives Européennes de Sociologie*, Cambridge, n. 18, p. 107-148, 1977.

rito como forma de expressão se difere de uma linguagem natural, na qual podemos dizer novas coisas e criarmos argumentos, e assim, a comunicação ritual se encontra protegida de rápidas modificações. Contudo, durante as diversas épocas, o rito sofre variações, em conformidade com suas execuções no tempo e no espaço, variações pautadas nas modificações das compreensões cósmicas e sociais que alteravam assim a execução dessas dramatizações.¹¹

Devemos também entender os locais de execução desses ritos e mitos, que eram de uma forma geral composto pelo território escandinavo, mas que pode ser subdividido entre o espaço natural e os locais construídos pelos homens como os monumentos e ruínas. O território habitado por esses homens se caracterizava assim como ambiente para a execução das histórias preservadas pela memória. O território era, desse modo, material de memória para esses povos se tornando um importante elemento para a construção de sua identidade sendo o uso dos artefatos, monumentos e ruínas uma questão de escolha que revela a memória a ser recordada ou aquela a ser destruída. A construção do território era, assim, fruto de disputas e conflitos sociais e intergrupais que evidenciam referências de aceitabilidade, credibilidade e admissibilidade dessa sociedade.

Se considerarmos, desse modo, a memória como formada pela prática de relembrar que era constituída pelo rito e pelo mito e sendo estes os elementos formadores do espaço de vivência compreenderemos este último como um conjunto de artefatos responsáveis pela criação da identidade. Podemos, assim, compreender a identidade, elucidada por Andrew Jones,¹² como formada por uma estrutura que era fruto de uma experiência criativa, mas que dependia de um veículo cultural para ser expressa. Podemos pensar, dessa maneira, na cultura material como veículo dessa identidade organizada em uma estrutura lógica.

A identidade também pode ser compreendida pelos estudos de Michael Pollak¹³ que a caracteriza como sendo uma imagem construída por um grupo pelo qual este se apresenta aos outros e compreende a si próprio. Imagem composta de três partes, sendo a primeira, a parte física que o leva a uma compreensão de fronteira de pertencimento a um grupo sendo esta territorial ou não, a segunda, a parte temporal que leva a uma noção de continuidade entre os membros atuais e passados desse grupo e, por último, a parte composta pela coerência que une os diferentes elementos formadores desse grupo apresentados por uma narrativa única e definidora. Memória e identidade se tornam fatores importantes no sentimento de um pertencimento físico, temporal e de coerência de existência e pertencimento de

¹¹SCHJØDT, Jens Peter. Diversity and its consequence for the study of Old Norse religion. What is it we are trying to reconstruct? In: SLUPECKI, Leszek P.; MORAWIEC, Jakub (Orgs.). *Between Paganism and Christianity in the North*. RzesZów: Wydawnictwo Uniwersytetu Rzeszowskiego, 2009, p. 9-22.

¹²JONES, Andrew. *Memory and Material Culture*. New York: Cambridge University Press, 2007.

¹³POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

um indivíduo, não apenas em relação ao seu grupo, mas também em relação aos outros pelo contraste entre o ser e o não ser.

Por último, entre nossas teorias devemos levar em consideração que os monumentos e artefatos que compunham a memória e a identidade desse povo estavam em posse de determinados grupos sociais que eram os responsáveis por preservá-los e quando estes perdiam o poder sobre a região, outros grupos sociais teriam o poder de destruí-lo. Dessa maneira, a memória era um processo de negociação entre o que iria ser lembrado e o que iria ser esquecido e aqueles que decidiam o que seria preservado pela memória tinham poder sobre o passado e assim também sobre o futuro.

Arqueologia e o trabalho com os artefatos

Os artefatos, objetos de estudo do arqueólogo, são considerados como criações do trabalho humano. Contudo, no trabalho com os artefatos teremos de levar em consideração algumas questões iniciais como a percepção de que a própria biosfera e, portanto, o espaço de vivência, é também produto do trabalho humano ou, ainda, como tratado por Karl Marx¹⁴ em sua obra *O capital*, os produtos naturais são frutos de uma transformação contínua realizada pelo trabalho humano por seguidas gerações. Os artefatos, assim como salientado por Vere Gordon Childe,¹⁵ são documentos históricos que permitem a reconstrução do processo de criação do mundo e dos humanos, além de meios de relação entre os próprios homens como criaturas pertencentes às suas relações espaçotemporais. Ainda nesta linha de pensamento, podemos salientar os trabalhos de Mortimer Wheeler¹⁶ que foi um dos pioneiros a defender a existência humana nos artefatos compreendendo estes como registros materiais das realizações humanas e nos levando a compreender o trabalho do arqueólogo para algo muito além de uma mera ciência das coisas buscando ao fim a vida por trás das mesmas.

Ao considerarmos a vida humana como produtora dos artefatos arqueológicos e buscando estudar os resquícios arqueológicos que permitam uma compreensão ritualística deveremos compreender que nem todos os depósitos encontrados podem ser considerados como depósitos ritualísticos, existindo também os depósitos seculares que podem ter ocorrido em épocas de crise e guerra, tendo o objetivo de serem recuperados pelos seus donos apontando assim outros fatores e preocupações que moviam o homem em sua relação com a cultura material.

Assim, de primeiro momento, os depósitos encontrados em pântanos foram considerados como ritualísticos, uma vez que os depósitos feitos nesses locais fogem

¹⁴MARX, Karl. *O Capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

¹⁵CHILDE, Vere Gordon. *The Bronze Age*. Edinburgh: Cambridge University Press, 1930.

¹⁶WHEELER, Mortimer. *Arqueología de campo*. Tradução de José Luiz Lorenzo. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1961.

daquele contexto de recuperação de objetos depositados. No entanto, arqueólogos, como Lotte Hedeager,¹⁷ acreditam em uma necessidade de se analisar mais do que a conexão direta entre o local e o objetivo desses depósitos, lançando mão de uma metodologia que pretende também a análise de uma padronização dos depósitos de rito, tornando-os indícios de uma atividade regular.

A padronização desses depósitos exclui a possibilidade de que foram feitos em épocas de crise e guerra com a finalidade de serem recuperados, uma vez que os depósitos de crises e de guerras são compostos de resquícios de valor em associações aleatórias. Ao contemplar essas problemáticas e ao tentar estabelecer padrões arqueológicos para os resquícios depositados na Escandinávia da Idade do Ferro e no período Viking (V a.C. até X d.C.), a arqueóloga Lotte Hedeager concluiu que existia uma mentalidade ritualística padronizada que atribuía aos objetos seu exato papel nos ritos pertencentes aos antigos costumes nórdicos.¹⁸

Assim, no trabalho com a memória e com os fatos que possibilitavam a rememoração como o rito, as fontes arqueológicas são demonstradas como fruto de padrões em momentos como os depósitos funerários ou nos depósitos de fundação de edificações, como os salões de culto no mundo nórdico. Pensamos assim os artefatos como formadores dos espaços de vivência no mundo escandinavo, e ao pensá-los em um contexto macro compreendemos como estes múltiplos depósitos, monumentos e rituais formavam o espaço de rememoração no mundo escandinavo pré-cristão.

Ao relacionar, desse modo, o estudo dessas padronizações com o estudo da memória, a arqueóloga Ann-Mari Hallans Stenholm¹⁹ lança mão de algumas bases essenciais para o avanço deste novo prisma. Stenholm ao trabalhar com a construção da memória no mundo pré-cristão escandinavo concluiu que as referências ao passado não ocorrem em qualquer lugar, a qualquer momento, de qualquer maneira e em relação a qualquer passado. Expondo, assim, a construção da memória como executada em alguns lugares, como os cemitérios, edificações de culto e local como os *things* e, ao mesmo tempo, como não executada em outras edificações como as residências. A arqueóloga aponta também o período da reutilização desses antigos monumentos e ruínas que ocorreram por sobreposição de camadas entre os séculos V e VI d.C. e durante o período Viking nos séculos X e XI d.C., mas também que ocorriam de forma horizontal nos outros séculos podendo se apresentar próximos às áreas de vivência e/ou em torno dos antigos monumentos e ruínas de forma que estes se disseminavam pelo território.

Ann-Mari Hallans Stenholm aponta também para uma diferenciação dos depósitos funerários que se sobrepunham a antigos depósitos do mesmo tipo, pois os

¹⁷HEDEAGER, Lotte. *Iron-Age Societies*. Tradução de John Hines. Cambridge: Three Cambridge Center, 1992.

¹⁸HEDEAGER, Lotte. *Iron-Age Societies*, *Op. cit.*, p. 27-37.

¹⁹STENHOLM, Ann-Mari Hallans. Past memories: Spatial returning as ritualized remembrance. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (Ed.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origin, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 341-345.

depósitos mais antigos reutilizados são em sua maior parte diferentes dos praticados no mesmo período podendo ter entre outras coisas um formato único como os depósitos de três pontas que foram muito utilizados para novos depósitos e que foram interpretados por arqueólogos, como G. Andersson,²⁰ como pertencentes aos fundadores daqueles espaços de vivência.

A arqueóloga salienta ainda que os antigos depósitos, ruínas e monumentos reutilizados não pertenciam a qualquer passado como, por exemplo, os antigos depósitos funerários que pertencentes ao período da Idade do Ferro romana e reutilizados no período Viking estavam conectados a um passado mitológico ou aos depósitos funerários pertencentes ao próprio período Viking e reutilizado no mesmo período, assim, estavam conectados a uma memória genealógica. Devemos, dessa forma, salientar que a diferença entre passado genealógico e mitológico se encontra apenas na diferenciação do tempo decorrido do antigo depósito que permitia a identificação de pertencimento do depósito a um determinado ancestral devido ao curto período e a não identificação devido a um período de tempo maior, mas de maneira nenhuma essa reutilização pode ser caracterizada pela oposição entre um passado fictício e um factual, uma vez que os dois são produtos de uma rememoração que fazem ao fim ambos os depósitos constructos de uma relação espaço/temporal.

Assim, o estudo arqueológico em busca de delimitações das atividades ritualísticas busca delimitar as padronizações como sugerido por Lotte Hedeager, mas contextualizadas no estudo da memória por Ann-Mari Hallans Stenholm que possibilita pensar o rito como um contínuo trabalho humano em relação aos artefatos e aos outros humanos tendo como base tradições e estratégias de um contexto social específico e tendo como uma de suas finalidades últimas a rememoração.

Por uma nova compreensão dos artefatos da Escandinávia

Anders Andrén²¹ foi um dos primeiros arqueólogos a analisar a construção da memória no mundo escandinavo pré-cristão e cristão sustentando que essas memórias, além do campo oral, tinham como veículo a cultura material. O arqueólogo nos leva a refletir que as culturas de tradição oral sempre interagem com o mundo material a sua volta criando monumentos, objetos e assentamentos baseados por essas memórias e pela compreensão de mundo que estas carregam e transmitem aos homens.

Uma das teorias defendidas por Anders Andrén passa pela ideia de que as pessoas não são apenas cercadas pelos resquícios do passado, mas que em certos períodos esse passado se torna também um modelo a ser seguido por estes homens.

²⁰ANDERSSON, G. *Valsta gravfält*. Arkeologisk undersökning av RAÄ 59, Norrsunda sn, Up. Stockholm: Riksantikvarieämbetet, 1997.

²¹ANDRÉN, Anders. Places, Monuments, and Objects: The Past in Ancient Scandinavia. *Scandinavian Studies*, Washington, v. 85, n. 3, p. 267-281, 2013.

O arqueólogo exemplifica sua teoria pelos depósitos da região de Mälär, região central da atual Suécia, onde 270 montes funerários foram construídos do século VI ao século VIII e eram utilizados como locais de depósito de uma elite local. E, ainda diz, que estes depósitos foram baseados em depósitos de montes funerários, como o denominado monte do rei Björn, construído no ano 1000 a.C., defendendo, assim, que estes tipos de depósitos podem ser interpretados como uma forma dessa elite defender sua posição social por meio de associações que possibilitavam a criação de uma linhagem.

Anders Andrén analisa outros depósitos funerários, como os de montículos de pedra datados do período Viking (750 d.C. a 1050 d.C.) ou os com formato ou presença de navios datados da Idade do Ferro tardia (550 d.C. a 1050 d.C.), e apresenta os mesmos como cópias de modelos de depósitos da Idade do Bronze (1700 a.C. a 500 a.C.), concluindo que todos os modelos dos depósitos funerários da Idade do Ferro tardia são de depósitos não mais tardios do que a Idade do Bronze. O arqueólogo conclui, assim, que nenhum monumento do período Megalítico ou Neolítico foi utilizado como modelo para os homens da Idade do Ferro tardia.

O arqueólogo também analisa as edificações do período da Idade do Ferro tardia demonstrando-as como baseadas em modelos mais antigos, como é o caso das construções da edificação ritualística de Uppakra, na Suécia, que teve sua construção e inúmeras reconstruções datadas entre os anos de 200 d.C. aos anos 800 d.C., demonstrando que essas reconstruções eram feitas sem modificar seu modelo, tamanho e tipo de edificação, sendo para o arqueólogo um demonstrativo do caráter da antiga religião nórdica e de sua grande associação com a lembrança e a preservação do passado.

Outra forma de se relacionar com o passado, segundo Anders Andrén, é a reutilização ou remodelamento de antigos monumentos e construções por meio de novos. Desse modo, diz que depósitos funerários do período Neolítico foram reutilizados até mesmo durante o período Viking e que essas reutilizações ocorreram até mesmo em intervalos menores, como sucessivas reutilizações durante o próprio período Viking, o que leva o arqueólogo a afirmar que as memórias construídas em relação a um passado recente seriam memórias genealógicas e as construídas sobre um passado distante seriam memórias míticas. Andrén trabalha também com exemplos do remodelamento de antigos monumentos, como os depósitos funerários de Hojrup e de Hojgaard, na Dinamarca, onde os depósitos do período Viking foram orientados em volta de um monte funerário da Idade do Bronze sem, no entanto, utilizá-lo de forma direta.

Por último, em seu trabalho, Anders Andrén, analisa também a diferença de gênero na construção da memória ressaltando a pedra rúnica de Rök, na região de Östergötland, na Suécia, e o depósito funerário de Aska, na mesma região da Suécia, apenas 30 km de distância uma da outra. A inscrição rúnica de Rök rememora nove gerações de homens da região no momento da morte de um desses homens. En-

quanto em Aska o depósito funerário de uma mulher não conta com inscrições rúnicas, mas foi construído com grande suntuosidade de objetos que datam de períodos de 100 a 200 anos antes da sepultura, datada para o século X, enquanto outros objetos de prata feitos no século do depósito copiavam estilos de objetos de 600 a 700 anos antes. Andrén, conclui, assim, que a memória feminina era construída no mundo Viking por objetos de valor enquanto a masculina era construída através da prática oral, como o cantar dos escaldos ou ainda pelas primeiras práticas escritas do mundo escandinavo, representado pela pedra rúnica, o que explicaria o motivo da maior parte das pedras rúnicas serem erguidas em homenagem a homens e dos cantares genealógicos dos escaldos rememorarem, em sua maior parte, as proveniências masculinas dessas linhagens.

O historiador e arqueólogo Neil Price,²² por sua vez, ao utilizar em seu estudo as teorias supramencionadas nos lembra de que os mitos que nos chegam do mundo Viking são apresentados nos dias de hoje em grandes compilações como as *Eddas*, mas que durante seu período de transformação oral estes seriam criados e recriados durante diferentes momentos e de diferentes formas e perspectivas, Price, assim, pensa o ritual funerário Viking como um espaço de discurso onde práticas e narrativas se entrelaçavam gerando nos territórios e na cultura material memórias de mitos e histórias.

Neil Price levanta uma analogia entre as práticas ritualísticas funerárias Vikings e a peça teatral *Hamlet*, de William Shakespeare, dizendo que, como a peça, que começa em seu estágio final da história e se desenrola por esta perspectiva como uma vasta narrativa, os vestígios arqueológicos dos depósitos funerários Viking seriam apenas uma impressão de um último estágio desse ritual. As pessoas, animais e objetos que teriam desenvolvido diferentes papéis neste desenrolar dramático do funeral seriam por muitas vezes omitidas, estando presentes apenas uma pequena parcela destes elementos participativos e resplandecendo apenas seu último momento, a parcela que foi depositada e o momento do depósito.

Para exemplificar essa dramaticidade, o historiador se utiliza de um documento chamado *Risāla*, que em árabe quer dizer relatório, escrito por Ibn Fadlan, um enviado ao norte como representante do califado de Bagdá que encontrou os Vikings no rio Volga e os descreveu. O relato de Ibn Fadlan se refere a dez dias de um ritual funerário que envolveria festas, bebidas, músicas e sexo, tudo isso com um alto teor ritualístico e dedicado ao chefe local que havia morrido. O ritual teria como seu último momento a prática do depósito e enterramento, tal seria o cenário que se desenrolava por tão longo tempo que seria necessário como primeiro ato a construção de uma edificação temporária para o depósito do morto onde eram colocados junto a este comidas, bebidas e instrumentos musicais que Price acredita que era reflexo da crença de um entretenimento, algo para que o morto passasse o tempo durante esses dias.

²²PRICE, Neil. *Mythic Acts: Material Narratives of the Dead in Viking Age Scandinavia*, *Op. cit.*, p. 13-46.

Para estes dez dias, nos diz Ibn Fadlan, era consumido dois terços dos bens do morto, Neil Price nos diz que provavelmente seriam dois terços dos bens portáteis desse homem e não de todas suas posses, uma vez que esses eram homens em trânsito, sendo um terço para a fabricação de roupas extremamente adornadas que seriam depositadas com o chefe local e o outro terço para a fabricação de bebidas alcoólicas a serem consumidas durante os dez dias, o que para Price, indica uma intoxicação geral que levariam todos a um estado de sagrado frenesi durante o ritual.

Neil Price analisa também o sacrifício de animais que ocorria durante estes rituais funerários dizendo que a morte de animais, como cachorros, pássaros e cavalos, não pode ser simplesmente analisada pelos nossos conceitos de sacrifício e oferenda, mas, na realidade, tem que ser analisada de perto de uma forma mais cuidada e apurada do processo. Esses animais eram cuidadosamente escolhidos e participavam deste processo de dramatização funerário antes de serem mortos. O historiador nos diz que o mais interessante é a forma que era morta cada uma destas espécies animais, o que nada tinha a ver com praticidade, por exemplo, os cavalos, antes de serem mortos, corriam até se encontrarem ofegantes e espumando pela boca, momento que então eram cortados vivos, em pedaços, e começavam a gritar e se empinar. Por fim, Price salienta que a participação de animais no ritual funerário gerava determinados sons e cheiros a serem vivenciados, se perguntando ainda como reagiria os outros animais quando presenciassem os primeiros de sua espécie sendo mortos, e conclui que o sangue, a saliva e as reações dos animais geravam a este ritual mais do que uma dramatização, mas uma experiência ritualística que marcava esta religião nórdica.

O ritual conectado com a morte de uma escrava de uns 14 ou 15 anos também foi analisada pelo historiador para além dos conceitos de sacrifício, essa escrava seria também um componente preciso na dramatização funerária com papéis específicos a serem exercidos. Não sabemos se a escolha dessa escrava foi forçada, mas Ibn Fadlan nos diz que esta se voluntariou por acreditar que iria acompanhar seu dono ao além vida que este estaria se encaminhando. O papel dessa escrava neste ritual é marcado pela sexualidade, esta ao ser selecionada para acompanhar o chefe local acaba por ser considerada esposa do mesmo recebendo um tratamento diferenciado durante todos estes dias e mantendo relações com os homens mais importantes deste grupo no ato final, antes de sua morte. A morte dessa escrava seria conduzida por uma mulher que Ibn Fadlan chamaria de *Malak Al-Maut*, que no islamismo é um nome de um anjo que separa a alma do corpo do morto e é o responsável por recolher este morto em seu tempo predestinado, o que Price considera como uma tradução para o termo: o escolhedor dos mortos ou mais conhecido como *Valkyrja*.

Ao analisar todos esses contextos, Neil Price levanta a questão da dramatização do ritual funerário como papel fundamental no desenvolvimento de histórias e mitos nórdicos, mas, além disso, parte para a análise de materiais arqueológicos, sendo o único arqueólogo, até o momento, a analisar algum artefato de Vestfold so-

bre o prisma das teorias da memória. Price analisa, assim, quatro dos mais de quatrocentos depósitos funerários praticados em Kaupang, escolhendo trabalhar com os achados dos depósitos funerários numerados como Ka. 294, 295, 296 e 297.

O depósito funerário Ka. 297 foi datado para a segunda metade do século IX pertencendo a um homem de idade indeterminada que foi enterrado apoiado para seu lado esquerdo, com sua cabeça voltada para o nordeste, vestindo um manto preso a um broche e usando roupas de grande qualidade, além de ter suas pernas cobertas por uma manta e seu peito pressionado contra uma grande pedra. O homem do depósito Ka. 297 ainda estava acompanhado por dois punhais, um aço para fazer fogo, duas pederneiras, uma pedra de amolar, alguns fragmentos de um vaso de pedra sabão, o que os escavadores chamaram de uma pedra com forma de ovo, uma pequena caixinha contendo pregos e rebites e alguns objetos de ferro que Neil Price diz que possivelmente fossem ferramentas.

Os depósitos Ka. 294, 295 e 296 completam este quadro e começam a gerar alguns apontamentos, esses depósitos foram datados para o século X, sendo o Ka. 296 para a primeira metade do século X e os Ka. 294 e 295 para a segunda metade do século X. Um navio de 8,5 metros de comprimento foi o local de depósito desses três funerais, mas o que mais surpreende é que este depósito foi feito exatamente em cima do depósito Ka. 297 tendo o alinhamento de sua quilha na posição sudoeste para nordeste precisamente sobre o eixo central do depósito anterior o que, segundo Neil Price, nos indica que a localização desta segunda embarcação depositada tinha o conhecimento da posição da primeira.

Nesses depósitos funerários foram encontradas quatro pessoas, sendo um homem Ka. 295, duas mulheres Ka. 294 e 296 e um bebê, além de alguns corpos de animais. Na proa do navio foi encontrado um homem Ka. 295 e uma mulher Ka. 294 depositados aparentemente sobre cobertores que forravam o *deck* da embarcação, a mulher tinha em torno de 45 a 50 anos quando morreu e foi depositada com a mão direita sobre o peito, os tornozelos cruzados, os pés apontando para a proa e a cabeça apoiada em uma pedra. A mulher estava com vestes de uma fina qualidade sustentada por dois broches ovais dourados e um broche de trevo, portava consigo algumas contas, um bracelete de prata, um anel de prata, um cinto onde se apoiavam uma faca e uma chave, além de ter uma espada apoiada em seus joelhos e à sua direita um balde. A mulher tinha ainda um bebê envolto em seu vestido e depositado sobre seus quadris, na cabeça do bebê repousava sua mão esquerda.

O homem, por sua vez, estava depositado com a cabeça encostada na cabeça da mulher, com os pés apontando para a popa, sua idade não foi identificada. O homem se encontrava com o corpo ligeiramente torcido com seu tronco deitado de costas e suas pernas flexionadas, além de ter sua cintura inclinada para o lado. Próximo ao seu corpo se encontravam algumas armas, como dois machados de dois tipos diferentes, sendo um identificado como de um padrão antigo em comparação com o período do depósito, uma lança de arremesso, uma espada embainhada em um escudo, dois punhais, uma pedra de amolar, um escudo, uma aljava de flechas e,

provavelmente, um arco já em um grau avançado de decomposição. Alguns outros objetos também acompanhavam esse homem, como uma frigideira depositada sobre seu diafragma, um bracelete de prata depositado sobre seu tronco, dois carretéis de costura colocados cuidadosamente sobre o escudo onde estava embainhada a espada, uma foice, uma coleira de cachorro feita de ferro, um pote de manufatura germânica que fora quebrado e teve seus pedaços espalhados sobre o corpo desse homem junto a três contas de vidro e um vaso de pedra sabão.

No centro do navio foi depositado um cavalo portando uma rédea. Os cortes irregulares nos ossos do animal sugerem que este foi decapitado e desmembrado, mas suas partes foram depositadas de maneira a compor, aproximadamente, a sua composição anatômica e um esporão foi depositado sobre seu corpo.

Por sua vez, na popa do navio estava a última pessoa que compunha este depósito Ka. 296, uma mulher aparentemente enterrada sentada em uma cadeira ou na parte mais alta do final da embarcação. A maior parte do material orgânico deste navio foi perdida devido à sua decomposição, mas pela postura que se encontrava a segunda mulher desse depósito é possível que esta tenha sido depositada com os remos do navio em suas mãos.

Uma pedra de amolar e uma rédea de cavalo foram encontradas encostadas nos pés desta segunda mulher e tocavam também o corpo do cavalo. Esta segunda mulher também se encontrava bem vestida pelo que sugere os resquícios têxteis encontrados, suas roupas estavam presas com broches ovais e contas, além de estar vestida com algum item de couro muito incomum para o período. Em suas costas havia um escudo. À sua direita, depositada sobre o *deck* do navio outra pedra com forma de ovo e um bastão de tecelagem feito de ferro. À sua esquerda, foi encontrado um bastão de ferro preso em baixo de uma grande pedra, bastão que Neil Price sugere ser um instrumento utilizado pelas *völur* e por outras magas que aparecem nas *Sagas* e *Eddas*. Próximo a ela se encontrava também um machado e em seu colo uma tigela de bronze, importada das regiões insulares, gravada com runas que diziam 'bacia para as mãos', dentro da tigela havia um objeto dourado feito de cobre fixado por pregos de ferro que Price identifica como um possível anel dourado que era usado para suspender a tigela.

Além de todos os objetos ainda se encontrava próxima a essa segunda mulher a cabeça de um cachorro que havia sido decepada, seu corpo estava depositado sobre os pés da mulher. Um par de pernas desse cachorro foi cortado e depositado em baixo de seu corpo e o outro par de pernas foi perdido, marcas nos ossos do cachorro sugerem que seu corpo foi mutilado antes do esqueleto ser remontado. Contudo, não apenas esse cachorro e o cavalo foram encontrados nesse navio, mas a presença de outros animais pode ser sugerida pelos dentes que foram encontrados em volta da mulher que estava na proa.

Por fim, os dois depósitos funerários se encontravam cobertos por terra e um complexo de pedras que construía uma pequena montanha, nesse complexo de terra e pedras foi depositado ossos cremados que se misturavam em alguns lugares

por essa construção e que sugeriam rituais ocorridos posteriormente que pouco se sabe sobre. Neil Price conclui que além desses rituais funerários serem momentos de criação de histórias e memórias que eram dramatizadas por longos dias acabavam também por formar no território monumentos que sequenciavam eventos conectando diversas histórias em seqüências de memórias como sugerem a sobreposição do navio de Kaupang do século X e do depósito do guerreiro do século IX.

A arqueóloga Anne Pedersen²³ estudou também a reutilização e a apropriação de antigos montes funerários durante o período Viking, no sul da Escandinávia, regiões compreendidas pela Dinamarca e sul da Suécia se utilizando de teorias da memória para seu trabalho. Pedersen salienta que as compreensões da datação desses depósitos funerários são realizadas por decorrências das análises do conteúdo de cada depósito, de seus artefatos, dos costumes funerários utilizados e, até mesmo, do tipo de monumento realizado.

A arqueóloga nos diz que na Dinamarca muitos exemplos dessas reutilizações podem ser observados, mas que o mais representativo ocorreu na grande montanha de Jelling. A montanha de Jelling é de grande representação, pois essa é normalmente conectada com a morte do rei Gorm e sua realização é apontada como obra do rei Harald Bluetooth. Essa montanha foi escavada nos anos de 1940 e nesta foi revelada uma grande câmara de madeira contendo os resquícios de um ritual funerário do século X, mas foi detectada como uma reutilização da parte central de outro depósito funerário da Idade do Bronze que teve apenas a sua área periférica intacta.

A reutilização desses depósitos funerários foi muito mencionada em estudos antigos do mundo Viking, na Dinamarca, mas a arqueóloga Anne Pedersen salienta que o fenômeno ainda não foi discutido de forma mais ampla nem em um período de escala temporal maior e, assim, o aspecto de reutilização ainda permanece em debate. Pedersen levanta, desse modo, questões para futuros estudos como, por exemplo, a reutilização de antigos monumentos era simplesmente uma maneira de poupar trabalho ou esta prática tinha significados simbólicos mais profundos? E qual eram os motivos subjacentes, se houvesse algum, para a escolha desses antigos monumentos como local de realização dos cemitérios Vikings ao em vez de qualquer outro ponto desses territórios?

Anne Pedersen começa a responder a essas questões ao observar a orientação desses depósitos nesses antigos monumentos, não mais como uma escolha aleatória e isolada, mas, sim, como parte integral do complexo de cemitérios do período Viking que pode ser exemplificado pelos inúmeros achados de reutilização e de orientação dos novos depósitos funerários tomando como base os antigos. Contudo, a arqueóloga salienta que seu trabalho não pretende esgotar o tema sugerido, mas, sim, na verdade, fazer apontamentos para novos estudos.

²³ PEDERSEN, Anne. Ancient Mounds for New Graves. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (Ed.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origin, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 346-353.

Anne Pedersen aponta, assim, a separação dessas reutilizações em dois grupos: aquelas que se utilizam de antigos depósitos funerários para a realização de novos, em muitos casos destruindo ou danificando o primeiro, ou, ainda, apenas utilizando os antigos depósitos funerários como foco para os novos com estes circundando ou, gradualmente, progredindo orientados pelos mais antigos.

Para exemplificar essas reutilizações e a orientação desses depósitos e defender sua tese de que não são esses depósitos feitos por uma escolha aleatória, Anne Pedersen aborda em seu trabalho muitos dos achados feitos anteriormente. A arqueóloga aponta assim que entre 1810 e 1829 três depósitos funerários do período Viking foram escavados e um desses havia sido realizado em um monte funerário da Idade do Bronze; de 1830 a 1849, treze depósitos funerários do período Viking foram escavados e quatro desses depósitos foram feitos em antigos montes funerários, sendo dois da Idade do Bronze, um do período Neolítico e um de uma datação incerta; de 1850 a 1869, vinte e seis depósitos funerários do período Viking foram escavados e três desses depósitos foram feitos em antigos montes funerários, sendo dois de um período incerto e um da Idade do Bronze; de 1870 a 1889, trinta e sete depósitos funerários do período Viking foram escavados e onze desses depósitos foram feitos em antigos montes funerários, sendo cinco da Idade do Bronze, um do período Neolítico e cinco de uma datação incerta; de 1890 a 1909, cinquenta e quatro depósitos funerários do período Viking foram escavados, sendo vinte e um desses depósitos feitos em antigos montes funerários e dois feitos próximos de antigos depósitos funerários, sendo que dos feitos em montes funerários seis eram da Idade do Bronze, seis do período Neolítico e nove de uma datação incerta e dos feitos próximos a antigos montes funerários um era da Idade do Bronze e um de uma datação incerta; de 1910 a 1929, trinta e um depósitos funerários do período Viking foram escavados e cinco desses depósitos foram feitos em antigos montes funerários, sendo um da Idade do Bronze, dois do período Neolítico e dois de uma datação incerta; de 1930 a 1949, quarenta depósitos funerários do período Viking foram escavados e três desses depósitos foram feitos em antigos montes funerários, sendo que desses três um era da Idade do Bronze e dois de uma datação incerta; de 1950 a 1969, vinte e um depósitos funerários do período Viking foram escavados, sendo que desses vinte e um depósitos um apenas havia sido feito em um antigo monte funerário do Neolítico e três feitos próximos de antigos montes funerários, sendo a datação de todos incerta; de 1970 a 1989, trinta e seis depósitos funerários do período Viking foram escavados, sendo um desses depósitos feito em um antigo monte funerário datado para o Neolítico e oito haviam sido feitos próximos a antigos montes funerários, sendo três do Neolítico, três da Idade do Bronze e dois de períodos incertos; finalmente, de 1990 até hoje, trinta e dois montes funerários do período Viking foram escavados, sendo que nenhum havia sido feito em algum monte funerário de outro período e onze haviam sido feitos próximos a antigos montes funerários, sendo dois do período Neolítico, quatro da Idade do Bronze e cinco de datações incertas.

Anne Pedersen assim ao notar a padronização desse tipo de depósito exclui a possibilidade de estes serem feitos de forma aleatória e passa a se interrogar o motivo dessa prática expondo logo de início a teoria de Carl Neergaard que apresenta essa prática em 1892 como derivada de vantagens pragmáticas como o fato de o solo compacto do antigo depósito fornecer um sólido suporte para a câmara funerária do novo.

A arqueóloga salienta, assim, que o trabalho com esses tipos de artefatos pouco foi explorado e que inúmeras possibilidades para a resposta dessa questão ainda não foram estudadas e começa a apontar novas possibilidades de resposta, entre elas a intenção de uma comunicação visual, como visto pelos montes funerários que se sobrepunham ao solo e se destacavam próximo às antigas estradas ou delimitando as fronteiras de cidades. Depositar um morto em lugares proeminentes próximos ou reutilizando antigos depósitos serviria assim para a comunicação e o destaque de um determinado indivíduo e de sua família legitimando o controle desta sobre as terras, sobre os recursos destas e sobre seus habitantes por meio de herança ou, ainda, por meio de dominação o que poderia gerar a destruição de antigos monumentos e a construção de novos. Um exemplo dessa intenção de comunicação pode ser o monte funerário ao norte de Jelling, na Dinamarca, situado no ponto mais alto do território possibilitando assim uma visualização de todos os pontos desta área e tendo sido datado para o primeiro momento de ocupação da mesma sendo uma manifestação visual de um primeiro poder manifesto dos reis e chefes locais da região.

A arqueóloga finaliza seu trabalho ao apresentar outras duas possibilidades, sendo uma dessas a inclusão dos mortos na esfera do sagrado através de sua inclusão em monumentos ancestrais, o que em tempos de constantes conflitos gerava um sentimento de segurança, teoria exemplificada pela análise de antigos cemitérios anglo-saxões que já eram comuns, mas se intensificaram quando do momento de conversão ao cristianismo dos reinos desses povos. Por último, a teoria da formação de uma conexão entre o passado e o presente que por associação acabava por definir as famílias ou grupos que controlavam o uso e a interpretação desses monumentos podendo definir assim suas identidades e legitimar o poder sobre aquele território e povo servindo como um testemunho de seus poderes. Anne Pedersen conclui, assim, que essas reutilizações e orientações eram um elemento central das práticas funerárias pré-cristãs que revelam um foco do passado que eram de suma importância para o rito desses povos e podem ser considerados ainda como de maior importância do que a pura materialidade dos artefatos ou do tipo de construção que constituíam esses depósitos funerários.

Considerações finais

Concluimos nosso trabalho por compreender os artefatos arqueológicos com novos olhares que possibilitam a compreensão de suas múltiplas reutilizações e evidenciam a utilização do passado no próprio passado. O historiador e o arqueólogo

não estão assim mais presos em estruturas que possibilitam apenas o estudo de cada período dentro de suas linhas divisórias, mas possuem agora a possibilidade de estudar as múltiplas reutilizações do passado no passado ou, ainda, do passado no presente se tornando mais críticos e mais íntimos da compreensão de sua profissão entendendo e evidenciando melhor o que seria o fazer histórico e arqueológico que por uma profunda reflexão se permite questionar suas próprias atividades quanto criadores de memória. As teorias da memória e as bibliografias da arqueologia escandinava que, aqui foram citadas, possibilitam assim novos rumos aos estudos no Brasil e no exterior, não apenas para aqueles que desejam o estudo do passado mas também para os que querem uma reflexão do que seria produzir memória no presente. Memória começa assim a ser pensada como produto de uma relação espaço-temporal que ao se apropriar do passado e ao retrabalhá-lo pretendia alcançar respostas para as questões e ânsias do presente.

Artigo recebido em 27 de agosto de 2015.

Aprovado em 24 de julho de 2016.